

Humboldt e Pêcheux: uma leitura em contraponto

Márcia Maria Magalhães

Estudar Wilhelm Von Humboldt (1767 - 1835) implica em retomar, dentre outros fatores importantes para os estudos que envolvem a linguagem, a noção de língua e discurso. A sua concepção acerca desses dois elementos ganha lugar especial neste artigo, porque a proposta aqui é fazer uma leitura desse autor em contraponto com os postulados teóricos de Michel Pêcheux (1997), mais especificamente acerca dessas noções. É certo que ambos se encontram em quadros epistemológicos divergentes e teorizam a partir desses lugares: Humboldt apresenta um conceito de língua como resultado dos fatos sociais da cultura profundamente marcado pelo romantismo e, em consequência desse fato, a concepção de discurso também o é. Por outro lado, Pêcheux (1997) mostra que a língua tem a sua materialidade discursiva, ou seja, a tomada de um enunciado pressupõe a consideração das condições de produção.

Sendo assim, a minha reflexão parte de alguns movimentos que ora se entrelaçam ora se separam. Para tanto, retomarei principalmente o que Humboldt discute em seu artigo intitulado “Sobre La diversidad de La estructura Del lenguaje de La humanidad”, bem como outros escritos sobre os estudos desenvolvidos pelo autor; e, em relação a Pêcheux, a retomada se dá a partir de “Semântica e Discurso: uma crítica a afirmação do óbvio”, já que essa obra abre espaço para um momento de discussão no sentido de estabelecer uma relação entre os autores, também de continuidade.

1 - Língua e discurso à luz de Wilhelm von Humboldt

Apesar de o período romântico ser marcado por tamanha complexidade, há algo que se destaca nesse movimento, conforme diz Milani (1999, p.102): “O Romantismo é marca da mudança de atitude do homem em relação ao homem”. Esse período caracterizou-se como uma [visão de mundo](#) contrária ao [racionalismo](#) que marcou a época [neoclássica](#) e buscou um [nacionalismo](#) que viria a consolidar os estados nacionais na Europa. Inicialmente apenas uma atitude, um estado de espírito. Mais tarde, o Romantismo toma a forma de um movimento e o espírito romântico passa a designar toda uma [visão de mundo](#) centrada no [indivíduo](#). Os autores românticos voltaram-se cada vez mais para si mesmos, retratando o drama humano, amores trágicos, ideais utópicos e desejos de [escapismo](#). Se o século XVIII foi marcado pela objetividade, pelo [Iluminismo](#) e pela [razão](#), o início do século XIX seria marcado pelo lirismo, pela [subjetividade](#), pela emoção e pelo eu.

Todo o modo de pensar inserido nesse movimento romântico que marca a época, explica a afirmação que Humboldt faz acerca da língua quando diz que ela é nacionalmente individual e que a identidade nacional preexiste na língua. Com essa afirmação, entendo que o autor quer dizer que a língua é nacional, porque ela é o veículo de um espírito nacional. E se a forma perceptível desse espírito nacional se dava, segundo o autor, por meio da língua, o contrário também é considerado verdadeiro.

Desse ponto de vista, existem fatores do comportamento exterior e interior dos seres humanos que corroboram para a diversificação dos costumes e comportamentos e levam a uma diversificação lingüística. Para exemplificar o que acabei de dizer, acentuo as idéias lançadas por Humboldt, em seus escritos políticos, que manifestavam o desejo de “contruir” um cidadão com maior liberdade e proteção, bem como a obtenção de um Estado menos autoritário.

Esse exemplo reafirma a idéia, sob a influência do sânscrito como sendo a língua perfeita, de que o homem é capaz de ver o mundo conforme a língua lhe



apresenta, porque tanto a língua como o pensamento faz parte de um todo, de um conjunto. A língua ajuda o homem a pensar, por essa razão quanto mais perfeito (melhor apresenta o pensamento da nação) for o pensamento mais perfeita é a língua. Assim, a língua reflete as características que são externas ao indivíduo e que interferem no seu comportamento e nas suas sensações individuais. A emanação do desejo de liberdade e proteção só se revelou nos escritos humboldtianos porque, autorizado pelo período de tempo marcadamente romântico, existe no exterior e interferiu no interior do indivíduo. A respeito disso, Humboldt (1990, p.57) atesta que

El nexu que une al individuo con el conjunto de su nación reposa en ese punto central el cual la fuerza del espíritu determina todo pensamiento, sentido y voluntad. Pues el lenguaje está emparentado con todo cuanto esa fuerza contiene; tanto con la totalidad como con lo individual, y nada en ella le es ni puede serle ajeno.

E se falo tanto que a língua é individual, o que se pode dizer então sobre o indivíduo? Ele, nesta perspectiva humboldtiana, é participante de uma nação que é entendida aqui como espaço territorial constituído por eventos sociais, históricos e culturais. E como tal, está sujeito às regras e às leis da nação na qual está inserido. Os indivíduos que pertencem a uma nação têm interesses comuns, que são regidos principalmente pelo amor à Pátria. Isso explica hoje o interesse individual pelas questões políticas, econômicas e sociais. Se não fosse assim, as pessoas que compõem uma nação se sentiriam estranhas umas às outras e a língua seria então o caos, porque cada indivíduo criaria a sua e não haveria comunicação.

É curioso perceber que não é tanto o espaço geográfico que vai revelar o grau de aproximação ou de distância entre os indivíduos de uma nação, mas a língua-nacional se responsabiliza por isso, uma vez que ela “reflete o espírito do povo e o espírito do povo está inteiramente espalhado pela língua” (MILANI, 1999, p. 106).

É fato que cada indivíduo pertence a uma nação e, sendo assim, ele está exposto às sensações, hábitos e fatos históricos comuns. Isso é o que se pode chamar de espírito nacional. “E os indivíduos, por estarem sob a interferência de

fatores iguais, reagem de maneira semelhante, e estas semelhanças gerarão novas semelhanças, até que se produza uma identidade comum para os membros do grupo”. (MILANI, 1995)

Tanto é assim que, ao se formar uma palavra, nela está contido o conjunto de impressões sugeridas pelo mundo e os sons realizados por essas impressões. E se a língua é constituída de matéria e forma, a matéria por sua vez é a soma dessas impressões sensíveis e sons que se coadunam com as interferências culturais que a língua traz e de que é expressão.

Já a forma da língua tem a ver com a organização e a escolha dos sons. Segundo a tese humboldtiana, a forma da língua deve propiciar o modo específico de veicular idéias, já que ela é o meio de expressão de uma nação. Assim, os indivíduos de uma nação interagem uns com os outros por meio da língua. Cada indivíduo precisa não só do coletivo para se estabelecer no mundo como também precisa buscar a sua individualidade e, dessa forma, ele precisa também se diferenciar dos outros e do próprio coletivo. Isso se dá a partir da observação que é feita por cada indivíduo da realidade em que se encontra. E sendo esta realidade o início do século XIX, então há que remeter o leitor ao período essencialmente romântico em que a subjetividade e o eu estavam em profusão.

Desse ponto de vista, *a priori*, as ações individuais são tomadas com base no coletivo e isso se torna evidente quando penso que, ao nascer, o indivíduo interage mesmo com outros indivíduos. Ou seja, ele não está sozinho, por essa razão, mesmo que involuntariamente, cada um vai se identificando com o coletivo e nele se firmando e reafirmando.

Entretanto, por ser o indivíduo dotado de uma natureza particularmente contraditória, pode-se observar que ele também reage a esse coletivo. Isso prova que, apesar de sua afirmação primeira se dar através do coletivo, o indivíduo também não recebe passivamente o que dele advém. Daí a asseveração humboldtiana de que a língua é coletiva e individual ao mesmo tempo, já que ela é o meio imediato da ação desse indivíduo no mundo e sua criadora.

E se posso dizer, de acordo com essa asseveração, que a língua cria o indivíduo é porque estou considerando que o pensamento produzido por ele é



fruto do espírito nacional, das forças que vêm da alma dos indivíduos. A língua é o primeiro produto da criação do pensamento. É como se a língua “desenhasse” o pensamento.

Por outro lado, a língua não é estática. Ela se refaz e se renova a todo tempo, graças ao espírito nacional presente nos indivíduos e aos seus pensamentos que são manifestados por meio da língua. Língua e pensamento estão em constante interação, dada a necessidade de possuir elementos lingüísticos que o pensamento tem. Esse movimento interativo autoriza-me a dizer que uma língua não é inteiramente entendida, por causa do processo de produção do discurso que está sempre atrelado a uma individualidade.

Assim, se um indivíduo procurar conhecer cada vez mais um determinado assunto, ele, conseqüentemente, vai desenvolver sua forma de pensar acerca do assunto e quanto mais isso acontece, mais capacidade de compreender o discurso ele se mostrará.

O discurso, para Humboldt, se apresenta dividido em objetos da língua e formas do pensamento. Estas são as formas gramaticais e de linguagem e aqueles são os nomes e as ações. O discurso é a ação de comunicar, de realizar a língua; é a materialização da língua. Parece, então, que Humboldt quer deixar claro aqui que no discurso, o físico, que é a fala em si, apresenta-se efetivo, materializado.

A existência da língua, portanto, se dá por meio do discurso individual. Esse discurso está submetido ao espírito nacional que só pode ser conhecido quando é realizado no discurso (fala, escrita etc.). Assim, pode-se pensar que a língua existe no interior dos falantes e pode ser conhecida pelo discurso individual materializado.

O que se conclui a partir das idéias humboldtianas arroladas acima é que o autor utiliza os termos "discurso" e "fala" quase indistintamente. O discurso é a língua individual materializada em oposição à língua nacional abstrata. Tanto uma como a outra são determinadas pelo espírito humano. Uma é individual, porque cada indivíduo difere dos outros em algum ponto da sua história, além de ser livre e poder ter suas próprias idéias. Humboldt afirma que há tantas línguas individuais quantos são os rostos no planeta. Cada indivíduo, portanto, possui

uma língua que difere em algum ponto da língua nacional e que está contida nela.

2 - Língua e discurso sob a perspectiva pecheuxtiana

Foi dito acima que Pêcheux está inserido em um quadro epistemológico diferente de Humboldt. Essa afirmação foi possível não só por considerar a época diversa de construção teórica desses autores, mas também porque Pêcheux funda a Análise de Discurso de linha francesa. Esse fato tem repercussões no modo de conceber a língua e o discurso.

Para o autor, “o sistema da língua é o mesmo para o materialista e para o idealista, para o revolucionário e para o reacionário, para o que dispõe de um conhecimento dado e para o que não dispõe”. (PÊCHEUX, 1997, p.91) Essa forma de pensar a língua, entretanto, não concede o direito de pressupor que o discurso seja o mesmo para esses diferentes personagens. A base da língua, conjunto de estruturas fonológicas, morfológicas e sintáticas, possui uma autonomia relativa. É alicerçado nessa base que os processos discursivos se desenvolvem. Assim, não se trata de afirmar que estes sejam pura expressão do pensamento ou de uma atividade cognitiva que colocaria os sistemas lingüísticos ao acaso.

Desse ponto de vista, decorre que o discurso não é o mesmo que fala (*parole*). Em outras palavras, dizer isso significa que discurso não é uma “maneira individual ‘concreta’ de habitar a ‘abstração’ da língua”. (PÊCHEUX, *op.cit.*). Segundo essa perspectiva, o discurso passa a ser o espaço em que emergem as significações e não o uso, a utilização ou a realização de uma função.

Assim, os processos discursivos constituem a fonte da produção dos efeitos de sentido no discurso e a língua é o lugar material em que se realizam os efeitos de sentidos. Pêcheux compreende o sentido como sendo regrado pelas questões de espaço e tempo das práticas humanas, de-centralizando o conceito de subjetividade e limitando a autonomia do objeto da Lingüística. O discurso é definido como efeito de sentidos entre locutores, um objeto sócio-histórico no qual



a Lingüística está pressuposta. Pêcheux (1997) critica a evidência do sentido e o sujeito intencional como origem do sentido e do dizer.

A linguagem para o autor é um sistema sujeito à ambigüidade; e a discursividade é tomada como a inserção dos efeitos materiais da língua na história, incluindo a análise do imaginário na relação dos sujeitos com a linguagem. Propondo um novo suporte teórico para a ideologia, seu método é baseado na análise das formas materiais. A materialidade específica da ideologia é o discurso e a materialidade específica deste é a língua.

O discurso é assim o observatório da relação língua/ideologia. Em termos de discurso, Pêcheux não faz uma distinção estrita entre estrutura e acontecimento, relacionando a linguagem a sua exterioridade. Estabelece a noção de interdiscurso, que ele define como memória discursiva, um conjunto de já-ditos que sustenta todo dizer. De acordo com este conceito, as pessoas estão filiadas a um saber discursivo que não se aprende, mas que produz seus efeitos através da ideologia e do inconsciente.

O interdiscurso está articulado ao complexo de formações ideológicas: alguma coisa fala antes, em outro lugar, independentemente. De acordo com Pêcheux, as palavras não têm um sentido ligado a sua literalidade; o sentido é sempre uma palavra por outra, ele existe em relações de metáfora (transferência) que se dão nas formações discursivas que são seu lugar histórico provisório.

O que é proposto por Pêcheux expõe o olhar leitor à opacidade daquilo que é materializado, objetivando a compreensão do que o sujeito diz em relação a outros dizeres. Pós-saussuriano e pós-estruturalista, ele re-introduz a noção de sujeito e de situação, sem estacionar na análise de conteúdo, e fazendo intervir a noção de acontecimento junto à de estrutura. Elabora assim uma teoria não subjetiva de sujeito e sustenta a análise na relação do real da língua e no real da história.

3 - Uma relação possível entre Humboldt e Pêcheux

No que diz respeito à língua, o primeiro ponto em que Humboldt e Pêcheux se encontram é quanto ao fato de não apresentarem preocupação com dicotomias. Antes disso, estão preocupados em ver no fenômeno lingüístico as regras e leis que constituem seu funcionamento.

Para Humboldt, a língua deve ser estudada a partir de duas abordagens complementares: uma que leva em conta a linguagem de uma nação/de um indivíduo, e outra que contempla a inevitável relação entre as línguas. A língua, nessa perspectiva, é *energeia* e não *ergon*, isto é, energia, vida, dinamismo e não algo pronto. A metodologia deve ser, simultaneamente, filosófica/ histórica e racional/ científica. Fica claro nesse pensador uma visão não dicotômica no estudo da língua, a qual também se evidencia no fato de que a língua, ao mesmo tempo que define um indivíduo, define uma nação.

Já em Pêcheux, a linguagem não pode ser estudada fora da sociedade, porque os processos que a constituem são histórico-sociais. Seu estudo deve estar vinculado à situação de produção.

Com a afirmação humboldtiana de que a língua é *energeia*, vejo que Humboldt considera o fato de que tudo o que foi produzido na história da língua permanece, ou seja, jamais pode ser apagado. Desse ponto de vista, afirmo, sem medo de estabelecer uma relação forçosa, que Humboldt renunciava a noção de interdiscurso desenvolvida por Pêcheux.

Para fundamentar a relação que acabo de estabelecer, busco em Humboldt a idéia de que a língua se renova constantemente e, se isso acontece, então, Pêcheux adianta que ela se renova, não por uma vontade individual, mas porque os discursos são produzidos, repetidos e recriados. Para ele, o que permite essa repetição e recriação é o fato de levar em conta as condições de produção. Aí está presente o histórico-social e ideológico. Além disso, os diferentes discursos são oriundos de diferentes lugares sociais, entrelaçados no interior de uma formação discursiva.



Nesse aspecto, parece que os dois autores se distanciam, entretanto, vejo aí mais uma relação de continuidade, porque quando Humboldt diz que o espírito é capaz de recriar sentimentos e pensamentos de uma maneira nunca antes feita e encontrar coisas desconhecidas nela, acredito que esse autor esteja afirmando que o histórico-social e ideológico permite existir uma capacidade de criar o novo e, assim, o indivíduo é capaz de realizar o que nunca foi feito antes, capaz de se contrapor àquilo que se apresenta de forma repetitiva. Assim, povo, língua e pensamento (fatos sócio-culturais) formam um conjunto interdependente em que um reconhece o outro, espelha-se no outro e é refletido pelo outro.

Nesse ponto, devo destacar a relação de continuidade entre esses dois estudiosos, porque enquanto Humboldt entende esse “outro” como outro indivíduo, Pêcheux dá um passo adiante ao conceber o outro discurso, sem descartar o outro da interlocução. Tanto é assim que o autor instaura a construção das imagens, ou seja, A produz imagem do que B quer ouvir dele, e B também faz imagens daquilo que A espera ouvir de B e ambos fazem imagens de si mesmos. Dessa forma, acredito que acontece, conforme o pensamento de Humboldt, o reconhecimento do outro, o espelhamento do outro e o que é refletido pelo outro. Também, nesse aspecto, parece ter uma antecipação ao pensamento de Pêcheux, porque Humboldt já afirmara: o homem sabe da existência de aspirações e sensações iguais às suas em outro ser humano e se anima a procurar as suas satisfações.

Não se pode esquecer também que, para Pêcheux, há algo que é falado antes, alhures ou independentemente. Essa consideração faz-me lembrar da noção de pré-construído, elaborada por P. Henry, porque ela designa aquilo que remete a uma construção anterior e exterior. Daí, a impressão que tenho é a de que Humboldt, ao considerar a língua como o espelho do espírito nacional, está levando em conta o que Pêcheux critica: a evidência do sentido e o sujeito intencional como origem e fonte do dizer. E, em sua concepção, nem o sentido e nem o sujeito são dados *a priori*, ao contrário disso, eles são constituídos no discurso através da interpelação ideológica. Ainda, para Pêcheux, o sentido de uma palavra, expressão, proposição não existe em si mesmo, já que elas mudam

de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam, ou seja, não há uma relação de literalidade, mas é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico em que palavras, expressões, proposições são produzidas/reproduzidas. Sendo assim, de acordo com esse pensamento, o sujeito tem a ilusão de ser o criador do discurso. Parece, entretanto, que há rastros dessa forma de pensar em Humboldt, quando ele diz que o indivíduo é um produto e um reflexo daquilo que foram as gerações anteriores e que, durante sua existência, o homem sempre se unirá a outros.

No que se refere à concepção de discurso, há diferenças entre os dois autores. Humboldt trata o discurso como fala e Pêcheux o concebe como efeito de sentidos entre locutores. A explicação para esses pontos de vista talvez se instale no fato de que Humboldt, embora considere o sócio-histórico, trata o homem como indivíduo, ou seja, como aquele que diz o que diz porque pertence a uma nação e, sendo assim, ele está exposto às sensações, hábitos e fatos históricos comuns. A novidade que Pêcheux introduz aí é mesmo o fato de conceber a idéia de que o sujeito se inscreve em uma posição sócio-histórica-ideológica e, desse lugar, produz o discurso e, por isso, ele concebe-o como efeito de sentidos entre locutores. Sujeito, para esse autor, não é o mesmo que indivíduo “de carne e osso”, exatamente por causa desse lugar que produz o discurso.



4 - Aplicando as concepções

A partir de uma análise da charge de Angeli, tentarei explicitar melhor as concepções desses dois autores no que se refere à língua e ao discurso.



- É melhor levar, chefia! O original não existe mais!

Do ponto de vista humboldtiano, observa-se, no caso dessa charge, que a língua se encontra em um estado de perfeição, exatamente porque ela foi capaz de alcançar um nível bastante elevado, pois as formas lingüísticas possuem precisão e abstração e o pensamento do indivíduo criador deslizou livremente por elas sem esbarrar em formas que não tivessem sido cristalizadas.

Além disso, o indivíduo buscou o igual quando ele se remeteu ao caso da pirataria que, historicamente, é uma proibição. Diga-se de passagem, que o povo sabe que existe a lei que proíbe, no entanto, não é cumprida por questões que envolvem o social, o histórico e o ideológico. Vejo, então, que o indivíduo criador lançou mão de formas lingüísticas precisas que deram conta de manifestar o pensamento de reprovação. Sendo assim, o diferente também se presentifica

quando ele associa as questões políticas, especificamente o PT, ao pensamento acerca da pirataria. A língua que nasce da alma, tal como a natureza humana, realiza aí o pensamento abstrato.

E se essa proibição já existia, então, a atividade discursiva dessa charge nasceu daquilo que já estava posto, dado e, portanto, existia na língua. A materialização, *O original já não existe mais*, foi acrescido porque está de acordo com o existente acerca das posturas políticas do PT, ou seja, as propostas apresentadas em tempos de eleição não são mais as mesmas que estão sendo colocadas em pauta na atual gestão.

É dessa forma de pensar, que entendo a língua como uma criação nacional. A charge partiu de uma criação individual e apresentou-se como um amálgama de idéias a cerca dos dois fatos: pirataria e posturas políticas do PT. Trata-se, portanto, de uma concepção de mundo, ou melhor, a língua foi capaz de compor aquilo que faz parte da história da nação: a prática de atos ilícitos tanto no caso da pirataria como no mundo político. Ela (a língua) é construtora e portadora de idéias. Em qualquer tempo e lugar, “a língua é a soma absoluta da história da nação na óptica do indivíduo que discursa”. Esse indivíduo produz “o discurso segundo suas experiências passadas, que estariam registradas na língua.” (MILANI, 1999, p.109)

É importante observar que ao dizer *o original não existe mais*, o indivíduo revela a sua subjetividade, uma vez que o dizer que procede dele está em conjunção com ele. Isso significa dizer que a sua crença no partido foi alterada: a princípio, esperança, e, em seguida, o oposto disso. A língua só pertence ao indivíduo, porque é ele quem a realiza como somente ele o faz, e isso foi possível porque ele aprendeu a fazer com as gerações anteriores.

Tomando a charge como ponto de partida para tratar a língua e o discurso do ponto de vista pecheuxtiano, retomo a abordagem que o autor faz em sua obra *O Discurso Estrutura e Acontecimento*. Isso porque ele propõe uma reflexão acerca da linguagem que “aceita o desconforto de não se ajeitar nas evidências e no lugar já-feito” (Pêcheux, 1990, p.7). Ele reflete os entremeios.



As condições de produção em que o discurso da charge fora construído remete-me a um tempo real (2008) em que o partido PT se apresenta desmoralizado por tantos escândalos noticiados: CPIs são constituídas para verificação de práticas escusas, tais como a dos cartões corporativos, desvios de verbas, aquisição de bens com o dinheiro da União, entre outros.

Essa referenciação histórica, social e ideológica permite dizer que a materialidade discursiva do enunciado coletivo da charge é absolutamente particular, ou seja, ela não possui o conteúdo, nem a forma, nem a estrutura de um enunciado que faz parte do universo político. Os dirigentes do país não diriam que o PT original não existe mais. Ao contrário disso, o contexto político tenta revelar uma afirmação contrária: honestidade, compromisso e lealdade. É nesse sentido, que entendo a firmação pecheuxtiana quanto à opacidade do discurso e a não transparência do dizer. O enunciado está ali, materializado, entretanto, há vozes que falam em meio ao acontecimento político sublinhando sua equivocidade: no domínio político, a evidência dos resultados é sustentada pelos atos ilícitos noticiados pela mídia.

Assim é que se pode considerar todo o enunciado *Produtos Piratas; É melhor levar, chefia! O original não existe mais* profundamente opaco: sua materialidade léxico-sintática (um substantivo, um adjetivo, um verbo, um advérbio, um verbo, um substantivo exercendo a função de vocativo, um artigo definido substantivando o adjetivo *original* que está na posição de sujeito, os advérbios de negação *não* e o de intensidade *mais* associados ao verbo *existir* marcando o temporal-aspectual de realizado) insere esse enunciado em uma rede de relações associativas implícitas, ou seja, há uma série de enunciados heterogêneos funcionando em relação de paráfrases, implicações, comentários, alusões etc.

É importante perceber que o que recomendado para *levar* e o que é *original* não estão materializados no enunciado, mas não estão longe porque pode-se associar esses dizeres não só à imagem da charge como também ao pré-construído acerca do partido que tinha como proposta inicial uma administração séria, diferente da que ele considerava ter sido a anterior. Entendo que esse

modo de pensar justifica a afirmação de Pêcheux (1997) no que se refere à autonomia relativa do sistema da língua, enquanto conjunto fonológico, morfológico e sintático. Sobre essas leis os processos discursivos se desenvolvem, não enquanto “expressão de um puro pensamento, de uma pura atividade cognitiva, etc., que utilizaria ‘acidentalmente’ os sistemas lingüísticos” (PÊCHEUX, 1997, p.91), mas no acontecimento que envolve a materialidade discursiva.

Considerações finais

A investigação em relação à língua e discurso, a partir dos postulados teóricos de Humboldt e Pêcheux, permitiu a chegada de algumas conclusões. A primeira delas é que entre esses dois autores existe muito mais uma relação de continuidade teórica do que um certo distanciamento. Digo continuidade, porque não se trata de descartar o que Humboldt constrói acerca da língua ou do discurso. O que de fato acontece é que se Pêcheux leu Humboldt e, prova disso é a sua citação em “Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio”, então, há que se considerar o entrelaçamento dos discursos entre os dois estudiosos.

E se o conceito de língua para Humboldt o coloca como produto e produtor de uma época que revela o período romântico, e por ele, é influenciado, então, Pêcheux, por sua vez, também é marcadamente afetado pelo contexto histórico-social e ideológico. Não daria para ser diferente se se leva em conta a situação de produção do discurso. O que Pêcheux adianta no modo de conceber a língua em relação ao que Humboldt faz é exatamente a inserção do acontecimento discursivo que afeta o sistema lingüístico. Em outras palavras, pode-se afirmar que, para o autor, não se trata de um indivíduo que fala, mas de um sujeito que, atravessado por diversas formações discursivas, produz o discurso a partir de um lugar. Nesse sentido, o indivíduo é interpelado em sujeito do discurso.



Assim, de acordo com Humboldt, no interior dos indivíduos existe um conjunto constituído pela atividade dos sentidos e pela ação interna do espírito e, dessa maneira, acontece a representação lingüística. Isso é fato. Pêcheux, entretanto, formula a idéia a respeito do sentido dizendo que ele não está nem no sujeito do discurso e nem no objeto, mas no acontecimento de sua volta. Trata-se, portanto, de tomar a língua como materialidade do discurso, que se atualiza de forma diversa em processos discursivos diferentes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HUMBOLDT, Wilhelm von. *Sobre La diversidad de La estructura Del lenguaje humano Y su influencia sobre El desarrollo espiritual de La humanidad*. Traduzido por Ana Agud. 1 ed. Barcelona: Anthropos, 1990.

MILANI, Sebastião Elias. *As Idéias lingüísticas de Wilhem Von Humboldt*. Dissertação de Mestrado. São Paulo, 1995.

_____. *Wilhelm Von Humboldt: o conceito de língua*. 1999.

PÊCHEUX, Michel. *O Discurso: estrutura ou acontecimento*. Traduzido por Eni Pulcinelli Orlandi. Campinas: Pontes, 1990.

_____. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Traduzido por Eni Pulcinelli Orlandi. 3ª Ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997.